

28-G.2

A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A VIVÊNCIA DO TRABALHADOR

Ribeiro, Rosaura de Menezes Selles - Faculdade de Engenharia - Câmpus de Guaratinguetá, Departamento de Produção, Universidade Estadual Paulista-UNESP

Agatti, Antonio Paschoal Rodolpho - Instituto de Psicologia, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Universidade de São Paulo-USP

Rechulski, Janice - Instituto de Terapia Familiar

Este estudo procurou entender o modo subjetivo do trabalhador relacionar-se com o seu trabalho, investigando o que se passa com a pessoa no âmbito emocional, quando exposta a fenômenos psicológicos decorrentes de causas que tem origem no ambiente de trabalho.

O objetivo foi conhecer como indivíduos normais sentem que a organização do trabalho os afeta: se com prazer, se com sofrimento, quais as condições psicológicas que lhes são adversas, como se defendem dos sofrimentos sem chegar a adoecer mentalmente. Mais especificamente o objetivo foi conhecer a vivência de trabalhadores em ambiente de alta tecnologia e o método foi aplicado a operadores de computador em um sofisticado centro de processamento de dados.

Para consecução da pesquisa foi obtido um modelo de análise psicológica, resultado de estudos que permitiram a adaptação da metodologia da psicopatologia do trabalho, desenvolvida por Christophe Dejours na França (Dejours, 1988), à realidade do mercado. Resultou um método de exame clínico que pode fornecer um diagnóstico a ser usado na prevenção da saúde mental.

Foram analisadas as dificuldades de aplicação do modelo da psicopatologia do trabalho aos objetivos propostos. Modelos complementares foram desenvolvidos para atender a requisitos ainda não contemplados, tais como o trabalho em turnos, executado por trabalhadores sem forte organização sindical. Foi preciso fazer um ensaio, uma simulação abstrata das vivências, levantando-se hipóteses sobre quais fatores atingiam psicologicamente os trabalhadores-sujeitos e quais suas reações a eles.

Em se tratando de compreender o imaginário e não necessariamente o real, foi na relação intersubjetiva entre trabalhadores e pesquisadores, em entrevistas coletivas, que se procurou captar o que era significativo em termos de vivência do trabalhador. Não houve resultado buscado. Houve, no final, o conhecimento de vivências de trabalhadores em um ambiente singular de trabalho.

Para auxiliar a leitura do material colhido durante as entrevistas coletivas, foi montada a matriz das manifestações dos sentimentos. As informações foram condensadas em uma nova tabela que ressaltou os pontos que foram mais importantes à pesquisa. É a matriz das vivências, base de um estudo dos fenômenos psicológicos que permitiu a formação do conhecimento da realidade percebida pelo trabalhador.

Alguns resultados são interessantes. O excesso de regras restritivas leva a um automatismo exagerado com poucas interferências dos operadores nos computadores, o que acaba se transferindo para os indivíduos. A rotina pobre e enfadonha no trabalho faz com que eles não possam criar, que não tenham flexibilidade para trabalhar, que não possam pensar. Passam, então, a não querer criar, não querer pensar, a reprimir a energia psíquica, como forma de se defender das condições e como forma de se adaptar.

A lista interminável de reclamações coloca os operadores na condição de vítimas da instituição. Contudo, há a valorização das dificuldades para assegurar a auto-valorização. Além disso, todo esse processo garante certa homogeneidade à instituição - ficam os "iguais", os que aguentam, os que reclamam, etc.

Como um resultado importante tem-se que a organização do trabalho é muito mais nociva ao trabalhador do que peculiaridades impostas pela tecnologia.

Chegou-se, também, a conclusão de que há um ganho na compreensão do trabalho quando se consulta o que os trabalhadores sentem.